

Gestalt-terapia e relações étnico-raciais

LÍVIA ARRELIAS
MARIANA MAGALHÃES
(orgs.)



GESTALT-TERAPIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Copyright © 2025 by autores

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Preparação: **Samara dos Santos Reis**

Revisão: **Flora Mendes**

Capa: **Delfin [Studio DelRey]**

Foto: **Prefeitura do Rio de Janeiro**

Projeto gráfico: **Crayon Editorial**

Diagramação: **Natalia Aranda**

Summus Editorial

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

<http://www.summus.com.br>

e-mail: summus@summus.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

e-mail: vendas@summus.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

PREFÁCIO	11
<i>Samanta Santos Fonseca</i>	
APRESENTAÇÃO	19
<i>Livia Arrelias e Mariana Magalhães</i>	
1. UM RIO VOADOR AMAZÔNICO REGANDO OUTROS BRASIS: MAIS UMA VEZ, GESTALT-TERAPIA E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS	21
<i>Livia Arrelias</i>	
2. LEMBRE-SE DE QUEM VOCÊ É: CONDUTAS NA ESCUTA DE PESSOAS NEGRAS	41
<i>Luísa Parreira Santos</i>	
3. "REPAREM NAS MÃOS DAS MULHERES QUE BENZEM": ENCONTROS E DIÁLOGOS ENTRE BENZEÇÃO E GESTALT-TERAPIA	59
<i>Eloísa Barros</i>	
4. AMAR NAS ENCRUZILHADAS: PSICOTERAPIA COM CASAIS E FAMÍLIAS INTER-RACIAIS NA ABORDAGEM GESTÁLTICA	75
<i>Mayana Tomaz</i>	
5. OS RESTOS NO CORPO DE UMA GESTALT-TERAPEUTA NO SISTEMA ÚNICO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: DA CONFLUÊNCIA À CRÍTICA	91
<i>Thainá Nogueira Anegue</i>	
6. A FAVELA COMO TERRITÓRIO: IMPLICAÇÕES NA CLÍNICA GESTÁLTICA E DIÁLOGOS COM CAROLINA MARIA DE JESUS	109
<i>Carolina Rigolon</i>	

7. MASCULINIDADES NEGRAS NO BRASIL E GESTALT-TERAPIA:
REFLEXÕES SOBRE POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS127
Tiago Ferreira
8. "À COR DA PELE": ADOÇÃO, BRANQUITUDE E GESTALT-TERAPIA143
Mariana Magalhães
9. TENSIONANDO OS MUROS DA GESTALT-TERAPIA: QUEM É
ESSE QUE (NÃO) VEJO?161
Isabel Araújo
10. ORALIDADE MUSICAL NO TOQUE DA CURIMBA: RITMOS QUE
RECONNECTAM E RECONSTRÓEM IDENTIDADES ANCESTRAIS NO
CHÃO DO TERREIRO175
Yanny Santana
11. SEXUALIDADES DE PESSOAS NEGRAS E GESTALT-TERAPIA:
FERRAMENTAS PARA DESMANTELAR NARRATIVAS
ESTIGMATIZANTES.187
Renata Aparecida Basto Santos
12. BRANQUITUDE E CONTATO: REVENDO PRIVILÉGIOS PARA UMA
PRÁTICA CLÍNICA SITUADA EM GESTALT-TERAPIA203
Mariana Araujo
13. NÃO NOS AFOGAREMOS EM PALAVRAS NÃO DITAS!
VOZES-ESCRITAS INCÔMODAS PARA A GESTALT-TERAPIA
BRASILEIRA219
Kahuana Leite e Renata Inã Kamekran (Renata Almeida Figueira)

Menina

No mundo estou sentada
Observo de longe uma confusão
Nada me espanta
Tudo é desilusão

Daquele banco onde eu sentei
Eu vi pessoas, ouvi pássaros e choros
Não tinham lágrimas porque eu as sequei
Não tinham sorrisos, não tinham sorrisos

Meus olhos atentos não podiam ver
Ver aquilo que tinha dentro de você, menina
Mas eu senti, e doeu saber
Saber que ninguém, menina, te via

A dor de tão negra
No escuro não se via
É mais fácil fechar os olhos
É mais simples atravessar as ruas e se apressar
Passar e não se atravessar
Só vê quem para, só sente quem se permite
E tem que querer

À ignorância que caminha com você e comigo
Façamos as pazes, abre a roda, gira e canta pra subir

Ó tempo! Passe por favor
Quero estar nas suas mãos e em sua companhia

Tempo, sinto por fora o passar dos dias aqui dentro
A dor segue igual, a luta segue igual
Eu dou as mãos a ti porque tenho medo
Medo do dia, medo da tarde, medo da noite
Todos os dias
Eu dou as mãos a ti porque sinto o conforto do passado
As ondas do mar trazendo um presente magoado
O futuro lá no horizonte assusta e cria possibilidades
Ancestralidade presente em cada passo lado a lado com o tempo
O espírito do meu tempo
Isso me fortalece

No mundo estou sentada
Hoje o sono tardou a chegar
É tudo tão grande, que eu tão pequena abro mão
E me fundo no mundo
Penso que em sonho possa conhecer Angola
ALíviar a dor daquela menina que ainda chora.

— IZABEL GUIMARÃES

Prefácio

Samanta Santos Fonseca¹

MADRUGADA DE DOMINGO, INVERNO em São Paulo e, na cidade, poucos dormem tranquilamente numa casa e cama quentinhas, enquanto outros não veem a hora de o dia nascer para parar de sentir o frio congelante. Há quem esteja despertando e quem nem dormiu; muitos cenários, muitas São Paulos. O que chama a minha atenção é o silêncio. Resido em uma área central e comercial — e, portanto, extremamente agitada e barulhenta. Hiperestimulada, tenho a sensação de que estou sempre atrasada, devendo alguma entrega: sintoma de quem mora em uma cidade que não para, que é, em essência, desigual e subtrai até o pulso de muitas pessoas de sonhar/realizar em vida. Por isso, quando senti o ímpeto das palavras chegando, foi quase como ouvir meus ancestrais sussurrarem: “Levanta! Agora é a hora de escrever”. E cá estou, prestes a dividir um pouco dos afetos e o encantamento que a leitura deste livro me proporcionou...

Inicialmente, lembrei-me da época em que cursei a formação em Gestalt-terapia em São Paulo (2016-2019): única aluna negra da turma e me sentindo a “portadora do apocalipse” toda vez que precisava explicar quão adoecedora é a experiência do racismo na subjetividade das pessoas negras. Sempre me via tendo que explicar o óbvio sobre a nossa estrutura sócio-histórica e estrutural, que quase sempre era questionada. Quando decidi escrever minha

1. Psicóloga clínica, Gestalt-terapeuta e pós-graduanda em Psicologia Organizacional e do Trabalho e Gestão de Pessoas na Universidade de São Paulo (USP).

monografia sobre o racismo à brasileira, faltaram-me referências de Gestalt-terapeutas negras e indígenas. À época, conheci apenas o amigo Geneci de Oliveira. Mais à frente, durante a pandemia da covid-19, deparei com a querida Lívia Arrelias — uma referência incrível da contemporaneidade —, que ministrava um minicurso sobre questões raciais e Gestalt-terapia. Hoje, sinto um prazer singular por ter sido convidada a prefaciar este livro-potência feito apenas por Gestalt-terapeutas — negras, brancas e indígenas — implicadas com a questão étnico-racial em nossa comunidade. Está longe de ser o ideal, mas sem dúvida já vivemos novos tempos.

Durante a leitura, fui inundada por lembranças afetivas; uma delas é a de meu avô materno, Geraldo Urbano: homem negro retinto, mineiro. Foi militar e, desde jovem, entendeu que não queria ser humilhado por mais ninguém. Assim, se tornou empreendedor, tendo montado e tocado até o fim de sua vida um ferro-velho. Nos anos 1990, cresci nessa mesma casa-território e o via circulando de carroça e cavalo branco por todo o bairro, buscando materiais recicláveis. Quando me encontrava em algum lugar, rapidamente me estendia a mão direita, e esse era o comando para que eu lhe pedisse a bênção. Após o dia de trabalho, ele chegava em casa no fim da tarde, sempre antes de escurecer; afinal, um homem como ele andando à noite na rua poderia ser facilmente visto como ameaça. Sabemos que o privilégio simbólico de andar na rua sem ser sentido como ameaça lhe foi retirado mesmo antes de ele nascer. Eu achava curioso o seu rito vespertino: ele fazia um lanche, colocava o programa *Chaves* na TV aberta e, de repente, aquele “homem do saco” que enchia de medo as pessoas ao seu redor se deliciava e gargalhava ao assistir as trapalhadas do personagem. Mantinha as pernas esticadas e relaxava partes do corpo com uma bolsa térmica de borracha, retangular e marrom. Conhecedor da medicina das ervas e das águas, meu avô sempre tinha em casa uma garrafada para auxiliá-lo em seus processos de cura; eis a sabedoria das matas e a espiritualidade que nos cercava.

Na infância com minha mãe e na ausência do Estado em políticas públicas efetivas em saúde, também fui uma criança cuidada pela arte da benzeção. Lembro-me de uma senhorinha do bairro: sua casa ficava numa viela paralela a uma rua bem simples. Morada pequena, cheia de plantas. Minha mãe explicou que eu não estava bem e que já não sabia mais o que fazer. A senhora me examinou como quem pudesse enxergar o fundo da minha alma, fez algumas perguntas, pegou uma muda de arruda e realizou a benzeção. Não posso deixar de mencionar minha avó paterna, Saturnina, a qual nutria em seu pequeno corredor entre o portão da rua e a porta da cozinha uma série de plantas medicinais, das quais me lembro especificamente do amargor do boldo, para tratar um mal-estar abdominal. Também não lhe faltava erva-cidreira para, no chá da tarde, adocicar nossos afetos.

As memórias afetivas pelas quais fui atravessada dialogam com alguns dos temas aqui propostos, que enfocam a formação de Gestalt-terapeutas na construção de uma clínica ético-política e afetiva, e consideram que a dimensão da espiritualidade não se aparta do ser humano, sendo essa conexão princípio integrador e combustível para a autorregulação de cada pessoa no e para o território, como preconiza a Gestalt-terapia. Escritos que ressaltam a beleza e a arte dos processos de cura, originados de uma *cosmopercepção contracolonial*, inaugurando um *ajustamento criativo ancestral* que vem sendo repassado por meio da oralidade, ao longo dos tempos e dos mundos.

Aqui, portanto, o ato de escrever se deu pelas vísceras. Como diz Gloria Anzaldúa (2000), a escrita é um ato que confronta os próprios demônios. Um ato que revela medos, raiva e a força de quem sofre diversas formas de opressão. Um ato a partir de uma *escrita orgânica* que vislumbra não deixar a tinta coagular na caneta. O que se lê aqui é *convocação*, reflexão e tensionamento ético-político-afetivo a fim de que a comunidade gestáltica amplie o campo a fim de *sentir-refletir-agir*, entendendo que cada encontro é singular — inclusive na mais vasta diversidade e

pluralidade humana e não humana que faz a vida se movimentar, fluir e confluir.

O livro, portanto, parte de “Um rio voador amazônico regando outros Brasis: [...]” para “Não nos afogar[e]mos em palavras não ditas! [...]”, permeia a história e as vivências de mulheres pretas, um homem preto, mulheres brancas e uma mulher indígena em seus territórios em diálogo com a sociedade. Cada capítulo sensibiliza o olhar para temas centrais na contemporaneidade, bem como revela e/ou denuncia lugares de falta e ausência na Gestalt-terapia. Entre os assuntos abordados estão: a formação de Gestalt-terapeutas na construção de uma clínica a partir da teoria do *self*, em diálogo com autores negros e indígenas; a conduta na escuta de pessoas negras sem se apartar da necessidade de assumir um lugar racializado; a espiritualidade como processo de cura; a psicoterapia de casais e famílias compreendendo que o racismo organiza a sociedade e, portanto, cabem os recursos da teoria de campo e da interseccionalidade.

Fala-se também da importância do Sistema Único de Assistência Social (Suas) no reconhecimento das especificidades das comunidades quilombolas, indígenas e periféricas no intuito de desenvolver “estratégias de acolhimento culturalmente sensíveis”; da transformação da favela em território, em conversa com Carolina Maria de Jesus; das masculinidades negras; da adoção de uma criança negra por uma mulher branca e seus atravessamentos; da importância de tensionar as nossas certezas para, por meio da interseccionalidade, compreender se de fato o encontro produz vida ou morte; da potência da oralidade e da musicalidade como formas de cura; da sexualidade de pessoas negras com um olhar atento para as especificidades desse público; das reflexões sobre a branquitude; e da experiência de “subsolo” em um congresso gestáltico. Partindo de sua vivência, de suas marcas históricas e de seu território, as autoras teceram juntas um movimento de pessoas implicadas e conscientes na evidente afirmação de que o racismo organiza a sociedade e seus

tentáculos de toxicidade perpassam todas as relações dentro e fora das instituições, inclusive na própria Gestalt-terapia.

Para dialogar com a gente, recomendo o livro *A pele em flor*, de Vinícius Neves Mariano. Um dos contos descreve o “Mal do senhor”, uma reação desproporcional e até violenta de pessoas brancas no convívio com pessoas negras que exercitam plenamente sua liberdade. Tal fenômeno se dá de diferentes formas no seio das relações e nas instituições nessa sociedade que é sustentada e estruturada pelo racismo, pelo ideal de embranquecimento e pelo (falso) mito da democracia racial. No posfácio (carta), Vinícius escreve uma homenagem a seu antigo psicoterapeuta: o querido Geneci de Oliveira, que faleceu em janeiro de 2023.

Há de se registrar que o primeiro texto a se debruçar sobre as questões étnico-raciais na Gestalt-terapia em solo brasileiro foi o artigo escrito por Geneci na conclusão da formação em Gestalt-terapia, intitulado *Relações raciais e a Gestalt-terapia — Contraste no olhar* (2008, p. 9):

O silêncio em torno das relações raciais no Brasil caracteriza-se como um sintoma, uma figura, uma forma que é produto de um fundo, cujo significado só pode ser apreendido no jogo relacional figura-fundo. Diante desta constatação, lanço meu olhar a partir da abordagem psicológica da Gestalt-terapia, refletindo sobre alguns de seus conceitos, como campo, fronteira, estilo e qualidade de contato, com o intuito de criar uma nota que ressoe e estimule uma composição a várias mãos, para que possamos olhar do futuro e ter a sensação de que não fomos surdos, enquanto agentes de saúde, Gestalt-terapeutas e seres humanos, pois já nos alertaram uma vez que “para que o mal triunfe, basta que os homens de bem nada façam”.

Geneci denunciou o silêncio do povo e de suas instituições, o silêncio que desviava o olhar da figura ao questionar sem refletir e ao ignorar o sofrimento humano, um silêncio que *des-confirma*, exclui e violenta (Oliveira, 2008).

Nessa carta que escreve ao Geneci, Vinícius traz um profundo relato da relação terapêutica entre eles e de como soube da morte de seu psicoterapeuta. Em dado momento, recorda uma frase que Geneci sempre lhe dizia: “Você não nada no raso, meu caro”. Enquanto escrevo este texto, ainda no silêncio, deixo meu sorriso se ampliar no canto da boca e meus olhos se emocionam ao lembrar uma das últimas interações que tive com Geneci... De modo que, quando vejo a *artesanía* da relação deles, retratada no posfácio, bem como recordo o artigo inaugural sobre relações raciais e Gestalt-terapia escrito por Geneci, penso nas pessoas que escreveram a presente obra — as quais, digo tranquilamente, também “não nadaram no raso”.

Mas, o que seria “nadar no raso” na comunidade gestáltica (em formações e congressos, na relação Gestalt-terapeuta *versus* consulente)?

Deixarei a pergunta reverberar, mas recordo que, conforme Joyce e Sills (2016), é preciso reconhecer que o conhecimento em torno de psicoterapia no século 20, inclusive na própria Gestalt-terapia, foi dominado em grande parte por profissionais brancas e de classe média, de modo que a comunidade gestáltica inevitavelmente tem vieses e preconceitos que são reproduzidos no âmbito das relações e nas práticas diversas.

Assim, conforme Arrelias (2023) e Joyce e Sills (2016), é imprescindível que a comunidade gestáltica reconheça, explore e assuma seu lugar racial e a racialidade do campo como fundo que constitui e mantém contato, assim como assuma a responsabilidade pelo efeito que sua identidade racial tem na relação terapêutica.

Posto isso, gostaria de finalizar este prefácio com um diálogo silencioso com o Geneci — na possibilidade *entre-mundos* de lhe dar a notícia de que foi possível, apesar dos pesares, *criar uma nota que pudesse ressoar e estimular a composição por várias mãos*. O presente livro é resultado de uma longa jornada de composição a várias mãos, uma escrita visceral, sensível e revolucionária. É, meu amigo: o mal não triunfará.

Referências

- ARRELIAS, Livia. “Radicalizar o encontro clínico — Compromisso ético e político de uma Gestalt-terapia racializada”. In: FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima. (orgs). *Diversidade, violência, sofrimento e inclusão em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2023. p. 113-145. (Coleção Gestalt-terapia: fundamentos e práticas v. 9.)
- ANZALDÚA, Gloria. “Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>.
- JOYCE, Phil; SILLS, Charlotte. *Técnicas em Gestalt — Aconselhamento e psicoterapia*. Petrópolis: Vozes, 2016.
- OLIVEIRA, Geneci. *Relações raciais e a Gestalt-terapia — Contraste no olhar*. Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito final para a obtenção do título de Gestalt-terapeuta pelo Instituto Gestalt de São Paulo. São Paulo, 2008.
- MARIANO, Vinícius. N. *A pele em flor — Contos*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2025.

Apresentação

Lívia Arrelias e Mariana Magalhães

Nós somos aquelas por quem estávamos esperando.

— Daniel Munduruku

ESTE É UM LIVRO que se origina de inquietações tantas que já não mais podiam ficar presas. Precisaram explodir para ganhar o mundo e se movimentar em *co-nutrição*. Ao menos, esse é o desejo que pulsa por aqui. Trata-se, portanto, de uma escrita orgânica de experiências de profissionais da psicologia e da Gestalt-terapia — pessoas negras, brancas e indígenas — que vivem diferentes experiências no campo das relações étnico-raciais.

Este é, também, um livro de tensionamentos para os fazeres em Gestalt-terapia, assim como para a base teórica e epistemológica da abordagem. O que está escrito, por quem está escrito, a partir de onde está escrito: há indicações de temas, tramas, experiências e campos diversos que apresentam a complexa riqueza da Gestalt-terapia brasileira nas discussões sobre relações étnico-raciais como possibilidade, necessidade e potencialidade.

Cada colega convidada para esta obra tem um jeito muito próprio de se mostrar e seguir conosco. E a escrita não é neutra. Cada texto fala de experiências pessoais e demarca um lugar político de existência. O que vimos e sentimos forneceu a energia para tomarmos a iniciativa de chegar até aqui. E que maravilha receber os aceites nesta aventura de nos apresentar a esse mundo gestáltico a partir de nossas diversidades e complexidades no campo sensível, reflexivo, epistemológico das relações étnico-raciais.

Reconhecer de onde viemos e o que nos mobiliza é confirmar o saber de como nos construímos como existências — o que ocorre junto com quem se apresenta a nós em seus próprios movimentos possíveis. Numa perspectiva gestáltica, poder nos reconhecer e nos permitir ser afetadas é o que torna possível o contato — movimento fundamental à nossa abordagem — e nos abre à transformação.

E foi a partir do encontro com a produção de um homem negro, periférico e paulistano, que ousou desafiar as violências constantes contra sua existência, que estas discussões e produções sobre Gestalt-terapia e relações étnico-raciais ganharam força e forma. Portanto, reconhecemos que ter quem nos guie ajuda a organizar os nossos caminhos e também o nosso jeito de caminhar. Por outro lado, ser guia exige um movimento extraordinariamente inédito e criativo para despertar coragens. Geneci Oliveira foi e continuará sendo esse guia que teve a coragem de enfrentar seus desafios de homem preto de periferia neste Brasil fundado no racismo e que deseja, planeja e executa nossa morte, inclusive a simbólica.

A coragem de Geneci também nutriu algumas outras coragens, e essa nutrição seguirá se expandindo, assim como as águas se tornam cada vez mais fortes quando se juntam. Esse movimento é imparável, porque se renova a cada novo encontro com novas águas.

Talvez seja esta a potência deste livro: ele não pretende ser resposta, mas convite. Não intenta discutir conceitos, mas mobilizar a partir das experiências aqui compartilhadas, que ganharão outros tantos chãos e corpos.

Assim, conhecer, nas experiências, a força e as possibilidades da Gestalt-terapia nos impulsiona a criar, com audácia, insólitos jeitos de caminhar, mobilizadas pelo campo em que existimos. Com o desejo de estimular mais movimentos criativos, políticos, éticos, afetivos e implicados, compartilhamos estas experiências reflexivas coletivas. Que outros começos possam se constituir, com criatividade, compromisso e ética.

1. Um rio voador amazônico regando outros Brasis: mais uma vez, Gestalt-terapia e relações étnico-raciais

Lívia Arrelias

*Quando conhecemos nossa cabeça,
o mundo não consegue nos confundir.*

— Provérbio iorubá

ESTE TEXTO SE SITUA no campo das contribuições teóricas de pensadoras e pensadores negras e indígenas para sinalizar reverberações e semear desejos de microrrevoluções para a Gestalt-terapia e as relações étnico-raciais no Brasil. Como mulher negra amazônida, declaradamente posicionada, inicio minha caminhada em psicologia em solos, areis e águas da Amazônia amapaense e paraense, apontada como espelho para tantas pessoas negras que assim me reconheceram antes mesmo que eu conseguisse me nomear. Foi na prática psicológica que esse lugar existencial me foi oferecido, e eu o aceitei e validei ao reaprender a olhar minha imagem nos abebés de Oxum e de Iemanjá¹.

Para quem tem sua existência negada, o olhar confirmatório de nossas semelhantes é fundamento de reinscrição — e, mais

1. O abebé é um objeto ritualístico cerimonial em forma de leque circular usado na religiosidade iorubá. Segundo Conceição Evaristo, o abebé de Oxum é a tecnologia africana que nos permite contemplar a nossa subjetividade como o poder que nos confere dignidade. É uma forma de nos revelarmos sem nos neutralizarmos, sem nos afogarmos nessa autocontemplação. O abebé de Iemanjá, por sua vez, nos aponta para outros semelhantes, para a nossa comunidade de pertencimento. Fonte: curso “Ler o Brasil”, ofertado pela Casa Sueli Carneiro (indisponível).